

# AÇÃO DIRETA

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Não adianta castigar ou matar políticos e ladrões, parasitas profanos ou bentos, todos eles frutos do Estado. A árvore os reproduzirá. O que importa é arrancar a árvore pelas raízes e queimá-la.

ANO I

Rio de Janeiro — Sabado, 1 de Junho de 1946

N.º 7

## O CHARCO SERAFIM PORTO

Um rico escritor inglês, que fôra arrastado ao cárcere e à miséria pela classe dominante da sua terra, não tanto pelas razões que o levaram aos tribunais, mas por haver posto a ridículo os supostos graves costumes ingleses, mostrou, falando de um charco, como era lindo, visto ao longe, com suas plantas de flores de singular beleza, e a frequência de aves de fino talhe; mas, quando se tornava desolador o olhar de perto... lama, matérias em decomposição, bando de insetos, vermes nojentos!

No Novo-Mundo, existe um charco assim: os Estados Unidos.

Para eles olham todos, maravilhados! País democrata!

Sim! democrata com cadeira elétrica e preconceito de raça.

Os operários têm todo o conforto... geladeiras, automóveis, etc.

A legião dos desempregados que vivem a mendigar um prato de sopa, que o digam; e as greves sucessivas, dos que trabalham, que o confirmem.

E assim, maravilhados, vão criando condições para que os magnatas do país *amigo*, melhor e mais a jeito, possam acabar de chupar o sangue dessa legião de desnutridos que, de há muito, já lhes serve de pasto.

Aprendem-lhes a língua e preparam-se para, a troco de alguns dólares, servirem de instrumento contra si, contra os seus e contra todos; fazem lhes o jogo, consciente e inconscientemente.

E eles não perdem tempo. Voltarão com o ópio do panamericanismo, criarão bases militares para defesa do Continente, introduzirão os seus métodos de guerra nos países de toda a América. Anularão a concorrência dos outros blocos imperialistas e serão senhores absolutos.

O ópio, ou panamericanismo, quando começa a inebriar é — harmonia entre os povos do Continente e guarda contra os outros povos; quando passa a revelar os seus efeitos, é bem estar para os magnatas dos Estados Unidos; miséria para os demais povos.

É esse o ópio que inocula a classe dominante dos Estados Unidos na América, classe que faz apunhalar a Lincoln, num teatro, pelas costas, quando da emancipação dos negros, e assassinar, covarde e oficialmente, aqueles que, em Chicago, empunharam a bandeira das oito horas de trabalho, luta desconhecida ou esquecida hoje por muitos dos seus companheiros que crêem poderem os seus direitos ser reconhecidos, de mão beijada,

talvez, por um ditador qualquer que marchasse para a democracia...

É esse o ópio que entorpece o cérebro e escurece a visão a muitos que se recusam pensar, e fingem não ver, e tudo recebem com a passividade dos vencidos sem combate, dos mortos vivos, enterrando-se a si e aos poucos que lutam, na miséria mais negra, na mais torpe escravidão.

É esse o ópio que ainda faz crer em todas as lendas daquele charco distante; que ainda faz crer na doutrina de Monroe, presidente norte-americano — a América para os americanos — gerada de acordo com os magnatas ingleses em 1823, ansiosos de verem afastados da América espanhóis e portugueses, seus sérios entraves, apesar de tantos fatos que, por si sós, protestam, como os já citados e outros que faremos relembrar para vergonha dos apáticos e dos tais vencidos e ânimo daqueles que preferem morrer lutando a viverem escravos.

1. Aventureiros provenientes dos Estados Unidos localizam-se no Texas (região mexicana), proclamam sua independência e o incorporam à União. Protegem o México. Declaram-lhe guerra os E. U. e oficializam a usurpação (1848).

2. Provocam os E. U. a insurreição de Cuba contra a Espanha. Declaram-lhe guerra e esta perde assim as suas últimas colônias na América: Cuba e Porto Rico. Perde ainda as Filipinas. Cuba torna-se independente, da Espanha. Porto Rico e Filipinas passam para o domínio dos E. U. Os filipinos, porém, aceitam a anexação, mas com promessa de independência futura. Pelo velho pretexto da necessidade do governo de um povo mais capaz, permaneceram submetidos durante trinta e sete anos!

3. Em 1898 inaugura-se o congresso da Associação dos Banqueiros Americanos, assim: «Temos já três dos fatores principais da grandeza comercial: ferro, aço, carvão. Havemos sido o celeiro do mundo. Aspiramos a ser a oficina e, amanhã, o seu banqueiro.»

Manifesta-se aí a ânsia do imperialismo.

4. Em artigo da velha *Revista Americana*, escrito por funcionário do Itamarati, pode ver-se que, com a compra das obras do Canal do Panamá aos franceses, procuraram os E. U. fazer dele uma base militar.

5. Instigam os E. U. a província do Panamá a rebelar-se contra a Colômbia para poderem, mais a vontade, estender sua influência sobre o novo Estado.

6. Navios dos E. U. fazem pilhagem no Amazonas. Protesta Rio Branco. Desculpa-se o governo *amigo* fingindo desconhecer o fato.

7. Tropas dos E. U. dissolvem o parlamento do Haiti, com pretexto de manter a ordem (na terra dos outros, enquanto o presidente Wilson envia para a Europa mensagens falando em democracia e liberdade).

8. Os magnatas dos E. U. e da Inglaterra provocam a guerra da Bolívia e do Paraguai a ver se decidiam ali uma contenda entre a companhia norte-americana Standard Oil e a inglesa Royal-Dutch-Shell.

9. As companhias dos E. U. e da Inglaterra recusam-se a cumprir a lei conquistada pela greve geral dos Sindicatos dos Trabalhadores do Petróleo do México, depois de haverem elas recorrido ao Supremo Tribunal mexicano e terem perdido a causa. Expropriadas, recorrem ao governo dos E. U. e este, embora tenha dito, pela palavra do seu secretário de Estado, Hull, que respeitaria as decisões do governo do México, inicia represálias suspendendo a compra da prata ao país vizinho. Essa e outras medidas encontram repulsa de sindicatos norte-americanos que, em número de 400, enviam ao governo do México uma nota de simpatia. Tentam a revolução com o vendido general Cedillo; mas, nada logram.

10. Por ocasião de uma epidemia que assolou o nordeste brasileiro ceifando milhares de vidas, enquanto o governo fazia a verba de socorro ir escoando pelos canais competentes, correm os E. U., com seus capitais, a detêrem a marcha da doença, declarando, no entanto, diante de médicos de Manguinhos: «Não fazemos isto pelos brasileiros; tememos apenas que a doença se estenda à nossa Península da Flórida.»

Aí, pelo menos, foram leais.

11. Vendo os E. U. que o governo argentino se inclinava para o capital inglês, seu sério contendor na Argentina, tenta fazê-lo recuar ou cair, lançando o *livro azul* que havia guardado como cartada certa!

...lama, matérias em decomposição, bando de insetos, vermes nojentos!

—E as flores?

—Também lá estão. São a alma idealista daqueles que jamais abandonaram as armas que lhes entregaram ao tombar, os heróis de Chicago, daqueles que ainda não trocaram a Internacional por outros hinos e que ainda clamam bem alto:

—A pé, ó vítimas da fome!

### ESTAMPAS DE ESPANHA

V

## EL JARDIN DE LOS SUPLÍCIOS

Por MANOEL PERES

Quando jovem, li uma interessante obra de Otávio Mirbeau, cujo título é "*O Jardim dos Suplícios*" e na qual o autor expõe as torturas a que eram submetidos os prisioneiros nos cárceres da China.

A leitura da trágica narrativa deixou em meu espírito uma impressão dolorosa, e mal podia eu calcular, naquela época, que, 20 anos mais tarde, eu assistiria, numa prisão espanhola, a episódios tão emocionantes como os expostos pelo genial Mirbeau no seu interessante livrinho.

\*\*\*

#### Carrascos e Vítimas.

Entre os carrascos que conheci durante a minha permanência na Prisão Provincial de Sevilha, quero citar alguns que se destacavam pela sua crueldade para com os prisioneiros. Vejamos quais eram.

#### Don Raimundo.

Tipo grosseiro e semi-analfabeto cuja maior alegria consistia em fazer sofrer os reclusos confiados a sua guarda. Não passava um só dia que não espancasse algum deles, e, após essa façanha brutal, gritava cheio de orgulho. "*O dia em que não descarrego o meu chicote nas costas de um destes vermelhos não durmo tranquilo*".

#### Dom Máximo.

Velho jesuíta de 63 anos. Pertencia aos chamados *Requelets* — e ostentava no peito 5 medalhas representando: La Pilarica, Josus del Gran Poder, Virgen del Rosário, Cachorro de Triana e Virgen de la Esperanza. Como carcereiro era um verdadeiro artista pois exercia a *humana profissão* desde 1916.

Vamos retratar esse monstro num episódio apenas que mostrará aos leitores toda a maldade que abrigava em sua alma de hiena.

Entre os prisioneiros da Prisão Provincial de Sevilha figurava um barbeiro chamado Ortega e que foi condenado a morte por ter lutado heroicamente contra as hordas da falange nos primeiros dias da sublevação franquista. De acordo com a petição do promotor, a execução seria por *garrote vil* (estrangulamento).

Na véspera da sua execução — coisa que ele ignorava — Ortega foi atacado por forte dor de cabeça sendo obrigado a chamar Don Máximo que estava de serviço nesse dia. O carrasco acudiu ao chamado e fitando com olhar de ódio o bom Ortega perguntou-lhe com brutalidade:

— *Que quieres tu, ?*

Ortega respondeu-lhe da seguinte

maneira. "*Tenho uma dor de cabeça horrível e desejo um comprimido de aspirina*". O feroz Don Máximo, dando uma gargalhada irônica, respondeu gritando como louco.

— *Idiota!. Para que queres a aspirina se amanhã de madrugada serás enforcado no pátio da prisão. ?*

#### DON PEDRO SOLIS

De todos os carcereiros que conheci na Espanha, o mais cruel era Don Pedro Solis, sub-diretor da Prisão de Sevilha. Esse homem — se um carcereiro merece o nome de homem — ódio cruel aos prisioneiros, principalmente os que estavam condenados a pena de morte.

Afirmavam que estava tuberculoso em último grau, e como sabia que devia morrer, pois o seu mal não tinha cura, gozava com o sofrimento alheio que procurava aumentar com uma crueldade sem precedentes.

Nos primeiros meses de 1939, quando foram iniciados os julgamentos pelos chamados tribunais franquistas, os processados, para os quais o promotor pedia a pena de morte, ao voltarem do Conselho de Guerra, continuavam em suas respectivas Brigadas ao lado dos demais companheiros.

Estes procuravam animá-los

com palavras de carinho dizendo-lhes que a pena podia ser comutada para 20 a 30 anos de prisão ou ir até a anulação do processo. Estas provas de afeto eram, para os condenados, um bálsamo consolador naquelas horas de amargura.

\*\*\*

#### O JARDIM DOS SUPLÍCIOS

Com a sua peculiar brutalidade, Don Pedro Solis pôs termo a essa situação transformando a vida dos condenados a morte em verdadeiro calvário.

A primeira medida do carrasco consistiu em separar os condenados a morte dos demais reclusos, alojando-os em cubículos e em grupos de 5 e 6 em cada um. Dessa forma aumentava o seu sofrimento ao privá-los de um carinho que tanto os animava.

Assim pois, o condenado a morte tinha a seu lado outros condenados a morte e todos tinham um único pensamento a torturá-los, o momento fatal de marcharem para o cemitério sob cujos muros eram executadas as sentenças.

Isso era pouco para um inquisitor como Don Pedro Solis, que, como suprema ironia, ordenou que os condenados a morte fossem passear num pequeno pátio ajardinado que, em tempos da Re-

pública, servia para os reclusos doentes descansarem ao sol, durante o período de convalescência. O sol que a uns dava a vida, a outros lembrava a morte!

E para recordar-lhes o fim que os aguardava, Solis assistia diariamente, de manhã e à tarde, à distribuição do rancho aos condenados e, quando estes estendiam o prato à *Irmã de Caridade*... o carrasco dizia com sarcasmo. — *Encha bem o prato irmãzinha; é condenado a morte e, quem sabe?.. pode ser fuzilado amanhã mesmo...*

Quando repartia a correspondência dos condenados, o grito de algos era sempre o mesmo, de uma crueldade brutal — "*Cartas para os que vão morrer*".

\*\*\*

Cinco condenados a morte ficaram loucos durante os 15 meses que permaneci na Prisão de Sevilha e 187 foram fuzilados sob os muros do cemitério de São Fernando.

No dia 7 de setembro de 1940, 15 dias antes de ser eu trasladado para a prisão de Córdoba, no pátio dos condenados a morte, apareceu um leitreiro sob o muro, escrito com tinta vermelha simbolizando o sangue daqueles martires. Dizia assim:

"*Este é el Jardín de los Suplícios...*"

# DOCTRINA

## AUTORITARIOS E IMPERIALISTAS

Traduzimos de *Freedom through Anarchism*, quinzenário inglês, (6/10/945) o seguinte:

... O fim da guerra dispersou, como nevoeiro ao vento, todo anelo de unidade, antes possível, entre os aliados.

O mais surpreendente fato da conferência foi o pedido russo de um quinhão nas colônias italianas, em oposição à proposta americana de uma espécie de tutoria internacional. Ficaram evidentes nisso os propósitos contrários das duas mais formidáveis grandes potências. Os americanos, com sua estrutura capitalista arquiposada, acham-se interessados em mercados livres e preferem mandatos internacionais ou ainda independência nominal dos países atrasados a um domínio imperialista oposto a seus próprios interesses econômicos. Os russos, ao revés, interessam-se em estender suas bases de potência no Mediterrâneo e Mar Vermelho. O *Daily Worker* (comunista) tentando justificar os atos de Molotov observou, com ar verdadeiramente original de ofendida inocência: "Porque foi a proposta soviética de assumir a tutoria de uma das colônias italianas recebida com tão espantosa gritaria? E', com efeito, assombroso que a boa vontade soviética de assumir adicionais compromissos internacionais, de ajudar os povos coloniais à independência e concorrer para garantir a segurança no Mediterrâneo não haja sido aceita de braços abertos pelos mantenedores da cooperação internacional".

1. *Colônias*. Realmente, após esse carão, coramos de vergonha por ter pensado mal de tão amáveis e nobres criaturas quais os camaradas Stálin e Molotov. Claro, aninham na alma os interesses de todos, menos os seus. Todavia, não podemos deixar de lembrar-nos do que dizia Lênin das colônias e de haver a Carta do Atlântico, assinada pela Rússia, declarado que os Poderes Aliados não procuravam "engrandecimento territorial ou outro"

Tão completa viravolta da expressão política soviética e dos velhos princípios marxistas só se explicam pelo desejo, por parte da classe dirigente russa, de obter e consolidar na Europa o poder que já firmaram nas regiões da fronteira ocidental russa.

2. *Exterminando a oposição*. Entretanto, pode-se avaliar do destino das colônias que decidiram prescindir da amável proteção soviética, pela atitude das autoridades dos países-russos e balcânicos em relação às pessoas deslocadas e outros refugiados por eles considerados como tecnicamente súditos seus. Na reunião do conselho da UNRRA, o mês passado, em Londres os delegados da Rússia, Polônia, Iugoslávia e Tchecoslováquia pediram que a UNRRA deixasse de prover socorro às pessoas deslocadas que recusassem regressar a seus países. Pediram que aos refugiados políticos se desse a alternativa de morrer de fome ou voltar à perseguição certa dos países de dominação comunista. Pedidos semelhantes foram feitos pelo governo Iugoslavo às autoridades inglesas na Itália com mira aos 20.000 refugiados políticos lá protegidos. Claro, os demais países recusaram-se a aceder a tão bradante pedido de entregarem opositoristas políticos para serem exterminados. O *New Leader*, americano, anotou: "A Rússia solicitou, assim, que fosse reconhecido pelos outros países do mundo, o princípio de compulsão existente no território dos Sovietes. Eles recusaram. Se não fizessem, o antigo direito de asilo que amparou, embora inadequadamente, as vítimas do nazismo, teria sido abolida".

Os países democráticos do ocidente ainda não chegaram a tal estado de autoritarismo que se declarem abertamente inimigos da liberdade de opinião.

3. *Trabalhos forçados*. Mas embora os governos aliados hajam aquiescido ao pedido russo de extradição dos opositoristas políticos, aceitaram o princípio russo do trabalho forçado, particular-

Nesta página doutrinária inseriremos, traduzidos, artigos de militantes estrangeiros numa seleção cuidadosa. Pretendemos que os anarquistas brasileiros para os quais, na maioria, é inacessível a imprensa anarquista mundial, tenham conhecimento dos escritores anarquistas mais representativos do passado e do presente.

## Que significa a vitória laborista

Do periódico londrino WAR COMMENTARY de 11 de agosto de 1945

Com a entrada de 388 candidatos do Partido Laborista na Casa dos Comuns, a credulidade dos votantes conservadores e laboristas e também a de alguns não votantes nas intenções do governo laborista exige a rememoração de alguns fatos:

Em 1987, o major Attlee, agora primeiro ministro da Grã Bretanha num discurso aos acionistas ferroviários ingleses declarou: «*Desejariamos tornar vossas garantias mais sólidas. Desejariamos tornar-vos detentores de quinhões da comunidade antes que de companhias, e é isso o que tentamos fazer. Haveis de compreender que um governo laborista vos dará compensações justas*».

Essa declaração é a essência da *nacionalização*. Como se realizará? O governo lança um empréstimo na praça. (Esses empréstimos chamam-se Gilt-Edged Securities e são usualmente super-subscritas no primeiro dia, mostrando que os capitalistas tomadores não temem a *nacionalização*. Ao contrário, consideram bom emprêgo pois receberão 2  $\frac{1}{2}$ , 3, 3  $\frac{1}{2}$  por cento ou mais de juros garantidos pelo governo. Segura renda, sem risco.

Com o empréstimo, o governo, *compensa*, digamos, os acionistas ferroviários e os donos de minas em lugar das ferrovias ou das minas. Os acionistas e donos de

mente imposto ao povo alemão. Provavelmente nenhuma ação nazista foi mais violentamente criticada que a de transportar milhões de criaturas de seus lares e países para sujeitá-los a trabalhos forçados. Agora os *inimigos do nazismo* estão usando o mesmo processo, pois, na proclamação dos comandantes Supremos Aliados há uma cláusula, a 19.<sup>a</sup>, que estatui categoricamente: "... as autoridades alemãs... proverão os transportes, ferramenta, equipamento e material de toda sorte, *trabalho, pessoal*, especialistas e mais serviços para empregarem-se na *Alemanha* ou *alhores* conforme o indicarem os representantes aliados".

minas reempregam essa *compensação* em novos empréstimos ou mais rendosa indústria. E assim prossegue o velho jôgo explorador. «*Suas garantias ficam sólidas. Tornam-se acionistas da comunidade*, isto é, apossam-se de mim e de ti. Através do Estado nós-lhes pagamos. A Dívida Nacional aos capitalistas investidores ascende num acelerado crescente. As garantias Gilt Edged, os departamentos oficiais e a burocracia avolumam-se ajuntando mais cargas às nossas costas, às dos trabalhadores, às dos produtores. *Nacionalismo* significa, em suma, que, depois de haver-nos roubado décadas a fio, os ladrões vão ser compensados na restituição dos bens que nos roubaram e ainda chuchar juros anuais sobre essa compensação. Nos tribunais, ao ladrão reles tiram-lhe o furto e entregam-no ao *legítimo dono*; mas, não assim com o Capitalista gatuno ou seus tutores laboristas. A lei os protege.

A par da declaração de Attlee, temos a de Gunner Cooney, o candidato *comunista*, na Divisão Central de Glasgow. Eis a referência do *Evening Citizen* de junho de 1945:

«*Os homens de negócio*, disse hoje Gunner Cooney numa reunião de tais homens, teria muito maior segurança econômica sob o comunismo, que agora. Sob o comunismo, não teria os pesadelos da bancarota e, na verdade teriam padrão mais alto que hoje.

Ele não fôra ali para convertê-los ao comunismo. Estava interessado vitalmente no progresso econômico da Escócia porque entendia não ser bem algum ter um programa de melhoria social se falta uma indústria florescente com bons salários aos obreiros».

E basta quanto ao lôgro da *nacionalização* nos reclamos eleitorais laborista e comunista. Qual a ação real da polícia laborista? Já o governo se está valendo

de tropas convocadas contra um sector da sociedade, as docas Surrey. Quando os navios, já atracados lá, não são carregados, informa a imprensa, as docas se fecham, os estivadores são despedidos ou suspensos e esfomeados até submeterem-se, e o tráfico é desviado para o Merseyside até os estivadores criarem juízo. Mera amostra do que será o governo laborista.

Os ferroviários ameaçam agitar-se, o que se fará depois de impressas estas linhas. Breve dir-nos-ão que, «em benefício da sociedade» eles também vão sentir o punho cerrado do governo laborista. A *nacionalização* lhe fornecerá o argumento justificativo da supressão arbitrária das ânsias de melhor padrão de vida, embora chocho.

«*Dai-lhes uma oportunidade*» dizem os apologistas do avanço laborista. Como dar-lhes ainda oportunidades? Nos passados trinta anos tiveram tempo de sobra para revelar o que poderiam fazer e, de fato, mostraram suas intenções: apoio à guerra de 1914-18; traição da greve geral de 1926 e traição da tríplice aliança em 1921; inauguração do odioso *Means Test*; inércia durante a luta espanhola de 1936-39; apoio do imperialismo no presente banho de sangue; administração da Consciência por Bevin, Herbert Morrison, como secretário nacional, etc., etc., para mencionar apenas algumas ensanchas.

Não! crédulo obreiro. Nem partidos, nem chefes poderão emancipar a classe obreira! A classe obreira há de fazer sua própria emancipação. Crer em chefias ou parlamentos é somente diferir o dia. Quanto mais cedo deixares de seguir *messias*, mais depressa atingirás a meta da classe operária: liberdade ante a tirania econômica e política; o direito de acesso aos meios de vida, sem serem despedaçados por bandos de abutres. Essa meta só a podem conseguir com os métodos anarquistas. Esperamos vossa cooperação.

Frank Leech

## A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA.

(Continuação do numero 6)

28 — *Males do voto* — Para os partidários do sufrágio universal possui o voto as seguintes virtudes:

a — é uma livre delegação da vontade do eleitor a indivíduos que reputa capazes de exercer por êle cargos políticos; b — faz surgir, no país, partidos políticos com programas claros, partidos que fiscalizam os atos uns dos outros impedindo escândalos administrativos, denunciando os responsáveis, etc

A isso respondemos: a — que os votos, raramente serão livres, porque 1.º — não são conscientes, por não conhecerem a maioria dos cidadãos os problemas nacionais, simple complexos e vários, não votando eles em determinado candidato por ser êste competente, mas por empenho, por partidatismo, pelos reclamos feitos do seu nome, por dinheiro ou por amizade; 2.º — o voto cria os partidos e os partidos têm um duplo inconveniente: levam os homens a esquecerem os problemas capitais,

de interesse coletivo, e se esfalham, anos e anos, em questões de partido, em brigas eleitorais; só se mantém pela *disciplina* partidária, segundo a qual todo cidadão do partido há de cumprir à risca e aceitar, sem protestos, as decisões do chefe ou do *conselho diretor*, conselho êsse formado sempre de *elementos da classe possuidora*; 3.º — o voto, sendo uma ilusão, desvia a atenção dos não possuidores e dá-lhes uma esperança fictícia, impedindo-os de procurarem noutras doutrinas a solução exata do problema social, solução forçosamente contrária aos possuidores; 4.º — o voto cria o *político profissional*. Enfim, basta considerar na insistência com que os possuidores, os políticos profissionais, os exploradores do povo concitam o mesmo povo a votar, apresentando-lhes o voto como a chave do problema social, para que desconfiemos dêle, pois não iriam os donos da terra despojar-se dos seus privilégios por vontade própria.

29 — *O político profissional* —

Merece especial exame como criação do voto, isto é, do sistema representativo, o político profissional, um dos grandes inimigos das classes proletárias.

Estréiam tais senhores como prepostos de políticos importantes ou proprietários influentes. Para subirem no conceito desses chefes, sujeitam-se às maiores transigências e descem frequentemente a baixezas, vilanias e crimes. De cabos eleitorais, aliciadores de votantes, se tem alguma instrução, candidatam-se, amparados pelo chefe, a vereadores municipais, depois a deputados estaduais e, se as manhas políticas o ajudam, a deputados, senadores federais, governadores, ministros. Para obterem *eleitores*, entram a *prestar serviço*, isto é, conseguir, por empenhos, da administração local, estadual ou federal, favores, dispensas, nomeações, concessões, que não conseguiriam licitamente. Forçicam, assim uma roda mais ou menos vasta de indivíduos presos por êsses laços duvidosos, os quais, em trôco de tais *tineza*, lhe dão

sempre o voto nas eleições. De modo que, geralmente, os votos representam interesses subalternos, pagamentos indiretos a serviços indecentes, nunca, ou mui raramente, opiniões sinceras e pensadas.

Resultado: os políticos profissionais, diretores e manobreadores das eleições, montam, para seu uso e uso de seus patrões, os homens de dinheiro, uma vasta máquina eleitoral que lhes assegura e entrega o parlamento. Tornam-se, na realidade, os únicos verdadeiros eleitores, as guardas avançadas e os testas-de-ferro dos possuidores. São, pois, inimigos natos, embora blandiciosos, dos não possuidores, dos proletários.

30 — *O voto obrigatório* — Se o voto, como vimos, é um mal para o trabalhador escravizado aos diaheirosos, peor mal será, logicamente, sua obrigatoriedade.

O interesse máximo dos proletários é libertarem-se da influência dos políticos, fugir da política, escorraçar das suas associações êsses caça-votos, enganadores de profissão, cujo principal mister é

iludir os pobres com promessas vãs de melhorias.

O voto obrigatório é o meio sugerido por espertos políticos aos donos da terra para forçarem o trabalhador e os homens livres à tutela dos mesmos políticos. O hábito de votar vicia o trabalhador e desvia-lhe a atenção e atividade dos problemas sociais e das reivindicações imediatas. É o que se tem dado na Europa, onde massas densas de proletários, arregimentados em partidos, obedecem cegamente a êste ou aquele chefe e se tornam incapazes de pensar por si e estudar as causas da sua miséria. A máxima fundamental, na luta contra os exploradores do trabalho, é que: *a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos mesmos trabalhadores*. Não devem confiar, portanto, sua libertação a braços alheios, sobretudo aos dos seus opressores. Votar, para um trabalhador, é crime e, contra o voto obrigatório, devem erguer eficaz protesto praticando a *greve do voto*.

(Continúa)

# MOVIMENTO ANARQUISTA

## A AÇÃO DANOSA DOS LÍDERES DE FABRICAÇÃO EM SÉRIES PURO FASCISMO

José Oiticica

EDGARD LEUENROTH

É aos trabalhadores que se destinam estas desprezíveis linhas.

Sim, companheiros, é a vocês que dedico as considerações que se seguem. Quando tantos improvisados líderes, chefes, mentores ou guias estão a surgir por aí, como cogumelos em terreno úmido, arrogando-se cada qual maiores direitos de ditar normas de ação, de dar palavras de ordem às massas, ao elemento de base, como eles classificam a classe trabalhadora, não me parece demais que um antigo militante obreiro também possa dizer alguma coisa sobre a situação do proletariado em face do mundo atual.

São palavras desprezíveis de quem, como operário gráfico, vai para meio século, se lançou no movimento reivindicador dos direitos do operariado e a ele dedicou todo o entusiasmo, todos os ardores e quase toda a atividade da sua juventude, agindo sempre, desde então até o presente, como elemento ativo no conjunto dos lutadores, como militante a par dos demais, colhendo os ensinamentos oriundos das lutas e transmitindo-os de igual para igual, aos companheiros de pejeira.

O que agora se está verificando é verdadeiramente lamentável. Muito ao contrário de procurarem esclarecer os trabalhadores, esses tais líderes, que pretendem arregimentar o proletariado em obediente rebanho, outra coisa não tem feito senão semear confusão, contribuindo, assim, para embarçar o trabalho de educação social do operariado.

Sente-se a gente com o direito de perguntar a esses salvadores de última hora se algum deles participou do movimento operário vivendo a vida íntima das organizações dos trabalhadores (não nos pseudosindicatos de hoje, está claro), tomando parte em suas reuniões e congressos. Terão acaso, esse convívio com os operários, com eles tratando de tu para tu, afim de conhecerem, de perto, seu feitio, sua maneira de ser, sentir-lhes seus anseios, certificando-se de suas aspirações e aquilantando de sua capacidade de ação? Conhecerão esses líderes de fabricação em séries, porventura, os métodos da organização sindical de resistência, de defesa e reivindicação da classe trabalhadora, sabendo como ela se forma e funciona em seus vários setores? Pode-se afirmar, com segurança que não. Quando muito, encheram-se de umas tintas de leituras marxistas por ser a literatura da moda, enfileiraram uns tantos slogans de importação, repetidos com ou sem propósito e... pronto, passaram a considerar-se os guias incontestados das massas.

Afirmando servirem-se da dialética — rótulo vistoso para produto duvidoso — desdizem hoje, sem hesitação alguma, o que ontem afirmavam dogmaticamente, escomungando os que deles discordam. Dantes falavam em lutas de classe e hoje proclamam a necessidade de colaboração com o capitalismo!...

E assim procedem seguindo a orientação do seu líder máximo, transformado em messias a quem devem cega obediência, e, como ele, aconselham os trabalhadores a não perturbarem a giboiesca digestão dos burgueses desta

terra de Vera Cruz, ajudando-os, ao contrário, a atingirem o desenvolvimento do ciclo da sua dominação no regime capitalista.

Isso autoriza a perguntar se tais opiniões estão de acordo com os princípios teóricos e táticos do socialismo, dando a essa designação seu sentido histórico. A resposta terá de ser, inevitavelmente, negativa. Estariam bem na boca de algum político conservador burguês, mas não podem, de maneira alguma, encontrar justificativa, partidas de quem se proclama líder único e indiscutível da classe obreira. São conclusões colaboracionistas, em contraste chocante com a luta permanente e inevitável do proletariado pela reivindicação de seus direitos menosprezados.

Diz o referido líder, hoje tão em destaque, que os trabalhadores devem colaborar para o progresso do capitalismo do Brasil. Mas, que têm feito os trabalhadores desde os tempos dos servos da gleba, dos escravos da idade média e, agora, no regime do salarido, senão trabalhar perenemente, para ajudar os capitalistas a acumular fortunas e, em troca, viverem uma vida de permanente penúria?

Entretanto, a capacidade de sacrifício dos operários é infinita e isso permitirá que eles atendam ao apelo do grande líder e contribuam para que, aos balanços das empresas capitalistas, se juntem mais alguns milhões de cruzeiros aos muitos centos por cento de lucros acusados nos últimos balanços. Poderão também os trabalhadores, na sua eterna magnanimidade, amontoar e apertar ainda mais as suas famílias, afim de arranjar lugar, em seus porões, em seus cortiços, em seus barracões, em suas favelas e mucambos, para poderem acomodar os pobres burgueses que não se encontram bem instalados em seus palacetes de Copacabana ou Jardim América. Se, em seus automóveis, os infelizes capitalistas já não se acomodam, não seja essa a dúvida, pois, espremendo bem, os operários lhes poderão arranjar lugares nos estribos dos bondes ou nas plataformas dos trens de subúrbios. E, se os cardápios dos Esplanadas, dos Glórias, dos Palacetes, os enfastiam, há de dar-se um jeito de serem instalados nos mefios das calçadas e junto às paredes das fábricas, para almocarem, de marmitas nos joelhos, a comida requentada da véspera.

Quando até a gente do Vaticano, símbolo da organizada reação da burguesia, falam reformas de caráter social, embora à sua maneira, está claro; quando os próprios governantes dos países capitalistas admitem uma marcha para as transformações de caráter socialista; quando, mesmo entre os elementos conservadores, já se firmou a convicção de que grandes reformas de caráter socializante se tornaram inevitáveis, no Brasil, aquele que se apresenta como chefe supremo do movimento proletário vem proclamar que os trabalhadores é que deverão fazer ainda esforços maiores em favor de um maior enriquecimento dos capitalistas! E isso num país, como o nosso, onde o nível de vida da classe trabalhadora é dos mais baixos!

O pior é que essa tendência colaboracionista foi levada a tal

ponto, que já chegou a constituir verdadeira traição aos trabalhadores. É uma verdade dura mas que deve ser dita.

Premidos pela carestia assustadora do custo da vida, atormentados por toda a série de necessidades, os trabalhadores tiveram de reclamar melhoria de salários, pois que, de outra forma, não sabiam como, pelo menos, conseguirem aliviar os seus tormentos. Como é tradição na história das reivindicações trabalhistas desta terra, os trabalhadores fizeram isso espontaneamente, por sua própria iniciativa, em muitos casos até à margem da intervenção dos sindicatos, hoje sujeitos à orientação governamental. Pois não faltou quem, nas esferas desses elementos colaboracionistas, viesse a público afirmar que os operários, como se fossem passivos carneiros, haviam agido em obediência a influências estranhas, de quintaculunas, de traidores, etc.! Essa é uma calúnia que jamais o proletariado de S. Paulo, cuja história representa um padrão de consciência, poderá esquecer!

Vocês, meus velhos companheiros de tantas pejeiras duras, dolorosas e, muitas vezes, sangrentas, saberão defender-se, não precisam de defensores de encomenda.

Observem, estudem a situação, examinem a conduta dos que pretendem orientar o movimento operário e não se esqueçam nunca do que diz a nossa gloriosa *Internacional*, renegada embora no país que se proclama pátria do socialismo, mas sempre a mesma: *Façamos, nós por nossas mãos, aquilo que nos diz res peito!*

Nada de messias oníscios. Cada um deve ser líder de si mesmo, tornando-se consciente e unindo-se aos seus companheiros de classe trabalhadora para defesa direta dos direitos de todos e de cada qual.

## MEIOS DE AÇÃO

P. FERREIRA DA SILVA

Os trabalhadores têm ao seu alcance diversos meios de ação para alterar, sempre e em todas as circunstâncias, a situação que lhes é desfavorável. Reivindicando direitos ou tomando-os simplesmente pela adoção de sistemas de vida que modifiquem, pouco que seja, o seu atual estado econômico, estarão destruindo a escravização social e as algemas que o capitalismo impiedosamente lhes aplica.

Não há necessidade, para isso, de violência ou sangue, de convulsões brutais, nem se trata de destruição material de algo que, ruindo, possa destruir a vida. Tem prejudicado muito a causa libertária o conceito de violência ou desordem, atribuído aos seus princípios, com evidente má fé, pelos adversários. Ação direta não é necessariamente ação violenta. Ação direta é ir direito ao fim, pelos caminhos iluminados, pelos meios limpos de colaboração suspeita.

A figura simbólica dos punhos que se separam rebentando as algemas é sugestiva, mas é sempre simbólica. Traduz um esforço necessário à libertação do indivíduo, e esse esforço realiza-se pela inteligência, pela ação constante dos mais capazes, pelo

Greves aqui, greves monstruosas nos Estados Unidos, greves conscientes na Inglaterra e uma greve internacional contra Franco.

As chamadas democracias conclamaram, por mera propaganda antifascista durante a guerra, o direito de greve; porém, mal findou a guerra e irromperam as greves, logo esse precioso direito vai sendo, teórica e praticamente, restringido, regulado, extinto.

Pelos telegramas, já sabemos que Truman, reacionário por princípio, ante a resistência dos ferroviários, resolve intervir nos serviços substituindo pelo Estado, patrão armadíssimo, os patrões particulares das firmas. O Estado americano faz-se assim furagreves, crumiro, traidor dos próprios princípios liberais solenemente afirmados. Nesses reiterados reconhecimentos do direito de greve, não se especificam as greves permitidas ou as greves vedadas. A promessa de reconhecimento é geral, irrestrita, peremptória e sanciona o mais legítimo de todos os direitos, o direito de dispor do seu trabalho, da sua liberdade. Trabalho por uma paga. Se não quero trabalhar rejeito a paga e é tão sagrado o meu direito como o de morrer de fome, se me apraz.

Já um articulista de má morte, no *Correio da Manhã*, aponta o exemplo de Truman, argumentando com a *grande democracia*, sem ver que o ato da *grande democracia* é um ato puramente fascista, de plutocratas bifrontes e sem decoro político.

Outro jornalista, defensor excelso das liberdades pátrias, examina o caso de Santos: greve da estiva que se recusa a descarregar navios espanhóis. E esse pseudodemocrata, esse ricoço da alta roda, clama logo, do alto do seu patriotismo, contra os *trabalhadores estrangeiros* que pretendem ditar leis em nossa terra. E chama *comunistas* a tais homens, ignorando, o ignorantão, que a luta dos trabalhadores contra Franco é *internacional*. Na democrática Suécia, mais democrática sem dúvida que Truman, a guerra econômica dos trabalha-

dores a Franco é pública e notória. Atendem ao grandioso apelo de todos os espanhóis martirizados por Franco, os incansáveis lutadores de dentro e de fora de Espanha em favor desses verdadeiros paladinos da liberdade na terra. Evidentemente os ouvidos degenerados dos dois articulistas e de outros tantos bem locados e lotados na vida, não ouvem esses gritos, nem suas mentalidades de fascistas legítimos, mascarados de liberalismo, logra aprender o alto alcance humano dessa resistência internacional.

A resistência só pode vir dos trabalhadores porque Franco está mimado pela plutocracia americana, inglesa, brasileira, italiana e outras mais, inclusive a Igreja.

Se não, vejamos como foram recebidos os navios espanhóis na terra do fascista Perón. Com a mesma recusa intransigente da estiva. Foi resistência decretada pela *Federación Obrera Regional Argentina*, a gloriosa *Fora*, de tendência e doutrina anarcosindicalista, que ressurge, está-se vendo, da ditadura com a mesma capacidade de luta. Recusam-se a carregar e descarregar navios de Franco por serem solidários com todos os trabalhadores do mundo erguidos contra o ditador fascista.

E os democratas brasileiros de meia tigela aplaudem os atos fascistas do nosso governo, deslembrados das afirmativas mais categóricas, valendo-se de argumentos esfarrapados, tresandantes e sujos.

Vem a greve da Leopoldina, empresa secularmente exploradora, atrasada, antibrasileira, cujos serventuários, sem exceção, detestam sua administração rotineira e usurária, e logo as autoridades da nossa democracia movimentam o exército para, imitando o fascismo americano, furar torpemente a greve mais que justa.

E porque fazem isso os de fora e os daqui?

Porque, desgraçadamente, os trabalhadores do mundo inteiro, menos os espanhóis, não chegaram a compreender ainda a essência da sua luta contra os possuidores da terra. Esquecendo-se de que só eles são os interessados em defender os seus interesses, abrem ouvidos às lábias melosas dos tais líderes, dos tais chefes políticos, desses conscientes embusteiros das classes laboriosas.

Vejam, por exemplo, os grevistas da Leopoldina. Rompida a greve, pôs-se em campo o seu líder fazendo côco com os defensores jurados da companhia inglesa. Falou pelo rádio e falou para aconselhar os grevistas a se aquietarem, a terem confiança nele, no interventor, no Negrão, em toda gente, menos neles próprios.

E que devem fazer os grevistas? Acreditar só e só neles mesmos e não no presidente, e não no ministro, e não no governo e não no Estado. Que lhes manda o Estado? Soldados para furar a greve e o discurso do presidente para desperuadil-os.

Tudo acontece porque falta aos trabalhadores brasileiros a sua antiga Federação Operária forte e unida. Desmantelada pela traição dos politiqueros comunistas, de 1919 em diante, essa organização, digna êmula da *Fora* argentina, não se pôde ainda refazer. Seus sindicatos de resistência foram substituídos pelos sindicatos caricatos do Ministério do Trabalho e em cada um destes há um presidente, um líder, a tantos contos por mês, cuja missão especial é a de frear todo movimento salutar de reivindicação operária.

(Conclui na página 4)

# DOCUMENTARIO

Constituem lição viva e, só por si, valem um curso inteiro de sociologia libertária.

AÇÃO DIRETA recomenda aos anarquistas em particular e aos trabalhadores em geral que leiam com atenção estes documentos históricos pois resultam de longos debates e estudos dos mais experimentados companheiros de luta.

## A luta contra o terror franquista UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Do comité Nacional do Movimento Libertário Espanhol recebemos um exemplar do manifesto clandestino editado pela Federação Local de Grupos Anarquistas de Barcelona e que foi distribuído em toda a Espanha. Apenas 12 exemplares puderam chegar à França e um deles foi destinado ao nosso semanário para sua publicação no Brasil.

Este o manifesto.

— Federación Local de Grupos Anarquistas de Barcelona —

A los militantes de la C. N. T. a los anarquistas y a los jóvenes libertarios.

Rompiendo nuestro silencio.

A todos los anarquistas de antaño, a los anónimos de antes y de ahora y a todos los luchadores del ideal ácrata en general, van dirigidas estas líneas de savia libertaria anarco-confederal. No para quitarle brillo al mosaico de nuestro ideal, sino para conseguir humanamente la toma de contacto que ha de producir la chispa luminosa capaz de armonizar y dar vigor ha nuestras inquietudes, siempre anhelosas de renovación social.

Nadie puede discutirnos ni poner en duda nuestro pasado de hombres abnegados y luchadores por la emancipación del proletariado de nuestro país, al que jamás presentamos factura de esfuerzo ni sacrificio alguno. Esa y no otra es la F. A. I., un grupo de librepensadores que coherentemente unidos constituyen el nervio ético y específico del Movimiento Libertario Ibérico. Por esto precisamente, rechazamos todo escepticismo que tienda a desvirtuar la eficacia o determinismo de nuestro anagrama frente a los que, arguyendo conceptos nimios y malintencionados, nos califican a su antojo, ora como vulgares atracadores, ora como utopistas de un ideal abstracto e irrealizable. Como se equivoca! La F. A. I. resurge hoy más potente y con más vigor que nunca, presta y dispuesta a entrar en acción en cuanto la voz de alarma sea dada, para libertar a nuestro pueblo del terror, del crimen y de la más espantosa miseria impuesta por la Falange y la cerrilidad obscurantista, con Franco, mil veces traidor, a la cabeza.

...!Basta de resignación...!  
Debemos actuar y vamos a actuar.

Muchos son los españoles que confían su liberación a una intervención de las Democracias Aliadas. Nosotros no. Solo confiamos en el esfuerzo macomunado del proletariado y en la acción directa. Tampoco compartimos el platonismo de confiarlo todo al azar y mientras tanto cruzarnos de brazos esperando en cualquier momento la desagradable visita del verdugo o el pelotón de ejecución...! Ojo por ojo y diente por diente...!

Solo vuestra gallardía acompañada de la acción puede hacer temblar a los Auditores de Guerra así como a esas brigadillas, bandas de asesinos, que han dado en llamar policías, al servicio del fascismo internacional.

Por eso entendemos que no dá lugar a discusión el caso español. A los que nos quieran seguir, de adentro o de fuera de la fron-

tera, les emplazamos para que, con nosotros, convengan que solo un plan de acción intensa puede poner fin a este estado de cosas inaguantable.

La F. A. I. está dispuesta a cubrirse nuevamente de gloria, poniéndolo todo desinteresadamente a contribución de la gran epopeya revolucionaria que há de salvar a nuestro país de la esclavitud y del crimen que lo sujeta a pesar del triunfo de las Democracias sobre el fascismo italo-germano.

Para que nuestra acción se vea coronada por el éxito, es indispensable la cooperación entusiasta de todos los compañeros que aman el ideal anárquico para en completa compenetración hacer nuestro Movimiento el muro granítico en el que ha de estrellarse Franco y todas las bajas apetencias políticas, partan de donde partieren.

Saludamos con incontenible emoción a todos nuestros compañeros presos. Viva Nuestros Presos! Viva la Libertad...!

Viva la Federación Anarquista Ibérica...!

## Meios de ação

(Conclusão da página 2)

cos, para organização profissional e especialização técnica, estarão agindo certo e trilhando um caminho direito. O sindicalismo libertário é um meio de ação coletiva.

Um operário que, graças à peculiaridade do seu trabalho, pode instalar-se em sua própria oficina libertando-se do patrão, estará dando um passo no ardezanato livre, possível embrião de uma associação de pequenos produtores cooperando com o sistema fabril de técnica avançada. É um meio de ação individual.

As cooperativas de consumo, tirando-se delas a finalidade de lucro, podem ser também um elemento de grande utilidade para os trabalhadores. Urge, porém, modificar as suas bases, para que o consumidor não se transforme, por sua vez, em beneficiário do lucro.

O lucro, agravando o preço dos produtos sem lhes acrescentar nenhum valor, alimenta a classe parasitária dos intermediários. Nada o justifica, a não ser o arbítrio da propriedade. Quem compra os artigos susceptíveis de comércio torna-se dono, e abusa da propriedade para elevar-lhes o valor da troca.

Os trabalhadores podem organizar cooperativas de distribuição, emancipando-se dessa exploração econômica. Abolindo, porém, a prática da elevação de valores, eliminando o lucro, que é sempre anti-natural. Cooperativas de distribuição e associações de ardezanato livre, formariam um pequeno sistema social prático e imediato de características libertárias. O cooperativismo é um meio de ação coletiva.

A ação doutrinária e cultural do anarquismo deve apoiar-se em todos os meios de ação direta, e são meios de ação direta os que levam o trabalhador, por seus próprios recursos profissionais e de sociabilidade, ao bem-estar, à liberdade e ao convívio fraternal.

## Recordemos um documento importante

Em 1929, dos 11 aos 16 de maio, realizou-se em Buenos Aires o Congresso Continental Americano. Esse memorável congresso, base do movimento aproximativo dos trabalhadores americanos, antes inteiramente alheios uns aos outros, criou a Associação Continental Americana de Trabalhadores. As declarações de princípios dessa associação merecem ser agora relembradas nesta hora de ressurgimento e defesa contra o nazismo dominante ainda.

Daremos hoje

### MEIOS DE LUTA

1.º O objetivo da organização obreira consiste em associar todos os assalariados para a luta contra a classe exploradora de acordo com o lema da primeira Internacional: «A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores»

2.º - Para que seja possível chegar a esse objetivo, devem os métodos de ação estar em concordância com a doutrina revolucionária. Daí serem as práticas de luta da A. C. A. T. e das organizações que a integram, a greve parcial e geral, a sabotagem e o boicote nos casos em que seja necessário praticar a solidariedade mais além dos respectivos planos nacionais.

3.º Repele-se a arbitragem oficial e as intervenções oficiosas para solução das controversias entre o capital e o trabalho. Em consequência, combater-se-á

a política da colaboração de classes, comprometendo-se as organizações obreiras firmadoras deste pacto solidário a impugnar os projetos legislativos que, nos respectivos países tendam a converter em obrigatória a intervenção do Estado nas greves e outros conflitos sociais.

4.º A base das organizações obreiras libertárias é o federalismo. Os indivíduos associam-se voluntariamente no sindicato, os sindicatos formam as federações e o conjunto constitui o organismo nacional. De baixo para cima se institui a união do proletariado conservando tanto o indivíduo, como o grupo associado sua autonomia dentro da Internacional dos trabalhadores.

As organizações por ofício ou ramo industrial ou organizações por fábrica nas modernas empresas racionalizadas deve manter-se

liberada para maior vantagem reconhecida pelos interessados. O federalismo é uma concepção organizadora em linha convergente, que não se destroi mal se consiga a relação de interesses no plano da imediata concreção de uma fábrica, de um povoado, de uma região, atendendo a que o homem se deve primeiro ao meio ambiente em que vive como ente social e, depois, ao ofício como produtor.

5.º A Associação Continental Americana de Trabalhadores declara-se adversária de toda política e repele todo compromisso ou aliança com os partidos que aceitam a colaboração de classes e com os sectores sindicais que atuam na esfera do Estado, quer parlamentares quer ditatoriais.

6.º A A. C. A. T. manifesta sua simpatia a toda tentativa proletária revolucionária para conseguir sua emancipação política, econômica e social completa por meio da insurreição armada.

7.º Como aspiração futura, a A. C. A. T. recomenda o comunismo anárquico, entendendo que a propaganda das idéias filosóficas do anarquismo deve ser a preocupação constante de todos os revolucionários que aspiram a suprimir, com a tirania econômica do capital, a tirania política e jurídica do Estado.

### FINS IMEDIATOS

Sem renunciar seus objetivos gerais, antes, como eficaz meio de acelerar sua realização, a A. C. A. T. propaga os seguintes fins imediatos:

1.º Obtenção de mais altos salários, isto é, de maior participação dos trabalhadores nos resultados da produção.

2.º Redução da jornada de trabalho.

3.º Defesa das conquistas sociais, econômicas e morais com todos os processos da ação direta revolucionária que não contradigam os elevados fins almejados.

4.º Luta incessante contra o militarismo e a greve pela propaganda do boicote à indústria dos armamentos, da negativa individual e coletiva para servir no exército, do desprestígio moral do ofício militar, da greve geral revolucionária e da sabotagem em caso de guerra.

5.º Desconhecimento das barreiras artificiais das nacionalidades estatais e proclamação da pátria universal do trabalho e da comunhão de interesses dos trabalhadores de todo o mundo.

6.º Divulgação e afirmação de uma mentalidade profundamente libertária e de produção consciente como condição prévia de transformação social promissora.

7.º Exercício constante da solidariedade em favor das vítimas da luta revolucionária contra o capitalismo e o Estado

8.º Estímulo e apoio a todas as correntes e movimentos sociais e de cultura que, ainda sem coincidir inteiramente conosco nos objetivos finais, contribuem com sua ação e propaganda para debilitar os estímulos do autoritarismo político e do privilégio econômico, sem abandonar nunca sua própria coesão interna, nem perder de vista as finalidades que singularizam o movimento libertador do trabalho.

Daremos no próximo número as resoluções da A. C. A. T. contra a reação internacional, tão vivas ainda hoje.

## Informações, Imprensa e Propaganda

Já recebemos com regularidade os seguintes jornais e revistas do exterior:

### DO MÉXICO

Tierra y Libertad. Do Movimento Libertário Espanhol  
Solidaridad Obrera. Da C. N. T. da Espanha-Delegação do México  
Estudios Sociales. Revista do Movimento Libertário Espanhol  
Inquietudes. Idem  
Regeneración. Da Federação Anarquista Mexicana  
Espantaco. Idem

### DA FRANÇA

Ruta. Das Juventudes Libertárias, da Espanha - Toulouse  
Libertad. Do Movimento Libertário Espanhol - Rennes  
C. N. T. Da C. N. T. da Espanha - Toulouse  
Solidaridad Obrera. Da C. N. T. - Toulouse

### DA AFRICA DO NORTE

Solidaridad Obrera. Órgão da C. N. T. da Espanha na Africa - Alger

### DA AMERICA DO NORTE

Cultura Proletaria. Do Movimento Libertário Espanhol - New-York  
L'Adunata dei Refrattari. Italiano - New-Jersey.

### DA INGLATERRA

Freedom through Anarchism. Londres.

### DA SUECIA

Dack och Durk. Órgão dos Marítimos Suecos - Estocolmo

### DA ARGENTINA

La Protesta. Órgão da F. O. Regional Argentina. - España Republicana. Dos Republicanos Espanhóis no Exílio.

### DO URUGUAY

Lealtad. Órgão dos Republicanos espanhóis. Montevideú.

### De Bordéus chegaram os seguintes folhetos:

José de Tapia - Organización de la Educación Nacional-1945  
Soledad Gustavo - (pseudónimo de Teresa Mane) - El sindicalismo y la anarquía - 1945  
Max Nellau - Errico Melatesta - 1945  
Rudolf Rocker - Pedro José Proudhon - 1945  
Felipe Alair - Fermin Salvochea - 1945  
Felipe Alair - Hacia una Federación de Autonomías ibéricas - cinco fascículos  
Antonio Casanova - Posición Revolucionaria - 1945  
Ricardo Mella - Breves apuntes sobre las pasiones humanas - 1945  
A. Souchy - El movimiento cooperativista em Suecia. 1945  
Fausto Falasohi - Cura del odio - 1945  
Grupo Anoa - Nuestro programa de adaptación - 1945